

Caetano W. Galindo. *Latim em pó: Um passeio pela formação do nosso português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. 232 p.

Além de ser um dos tradutores mais reconhecidos no Brasil por seu trabalho com obras de autores de grande complexidade como James Joyce e Thomas Pynchon, Caetano Galindo é um respeitado pesquisador e professor universitário na Universidade Federal do Paraná. Se suas traduções ganharam prêmios de primeira importância no Brasil nos últimos dez anos, Galindo é também bastante respeitado por trabalhos sobre estudos tradutórios e por sua atuação como professor de linguística histórica. É deste último campo que vem o tema de *Latim em Pó: Um passeio pela formação do nosso português*, publicado pela Companhia das Letras.

Qualquer livro que utilize o termo “formação” no seu subtítulo é visto como possivelmente pertencente à família de ensaios de formação nacional que marcaram tanto a produção ensaísta do miolo do século XX no Brasil. Seria *Latim em Pó* uma iteração ultra tardia daquela velha aspiração coletiva de construção nacional que marcou o projeto modernista brasileiro? Creio que a resposta é sim, mas apenas até certo ponto. Ainda que se debruce primordialmente sobre o “nosso português”, não há por parte de Galindo um esforço de forjar para nossa língua um caráter único e especial. Nesse sentido, o português brasileiro figura no livro mais como uma língua típica entre centenas de outras.

Para apreciar com justiça *Latim em Pó* é preciso entender que não se trata de publicação acadêmica no sentido restrito do termo. Ainda que seja impossível separar completamente os papéis profissionais de um membro da academia, é útil pensar que esse ensaio é derivado da carreira de Galindo professor e não pesquisador. *Latim em Pó* é um livro de divulgação científica, dirigido didaticamente a um público geral de falantes nativos de português no Brasil. Introduz seu leitor a diversos procedimentos correntes na pesquisa

da história das línguas em geral, com ênfase especial no sutil jogo de deduções e induções que vão traçando ligações entre o idioma hoje e aquele dos nossos antepassados. Trata-se de um compêndio de informações sobre a língua portuguesa que vêm de diversos trabalhos acadêmicos da área da sociolinguística e da linguística histórica.

Em vinte capítulos relativamente curtos, *Latim em Pó* segue de forma mais ou menos cronológica a história (e um bom bocado da pré-história) da língua portuguesa – é esse o “passeio pela formação” a que o subtítulo se refere. Nessa narrativa histórica são inseridos conhecimentos variados sobre línguas num formato atrativo e acessível para leitores sem envolvimento com a área. Espalhados fartamente pelo ensaio esses conhecimentos poderiam fazer de *Latim em Pó* um almanaque de curiosidades sobre a língua portuguesa, mas o arcabouço cronológico mantém a coesão textual do texto. Do ponto de vista geográfico, o livro traça para o leitor um itinerário que vai do global (com línguas indo-europeias e o latim espalhados pela Europa) para o local (a porção leste da península ibérica) e torna-se novamente internacional e multicultural no rastro da expansão imperialista do reino português à América, África e Ásia. O leitor de *Latim em pó* constata que o idioma que usa diariamente abriga dentro de si fragmentos de muitas outras línguas e tem uma existência muito além do seu tempo e lugar. Esse é o engajamento da obra: fazer com que seu leitor leigo se livre de uma série de mitos e preconceitos arraigados. Em termos mais gerais, livrar o seu leitor da alienação mais profunda: aquela que se alicerça no desconhecimento sobre a realidade do próprio idioma.

O livro avança em sua jornada no tempo e no espaço, apresentando de forma fluida e intuitiva raciocínios relativamente simples os quais colocam em xeque equívocos que infelizmente circulam muito no Brasil até hoje. O leitor aprende que o conhecimento sobre uma língua não pode ser exaurido apenas com um dicionário e uma boa gramática e que estes livros registram, mas não fixam permanentemente o idioma. Também compreende o papel de línguas dos continentes europeu, africano e americano na formação do que hoje reconhecemos como o português brasileiro. Acostumados com ideias ufanistas que apontam para o monolinguismo como uma “vantagem” cultural do Brasil, os leitores de *Latim em Pó* serão confrontados com a ideia de que as línguas devem ser pensadas “como patrimônios, como repositórios culturais, como marcadores de identidade e

pertencimento, como riqueza por si sós” (162). Um ambiente multilinguístico – portanto imerso em esforços tradutórios e em trocas constantes entre línguas – é componente essencial para um espaço verdadeiramente multicultural. Abordando o outro lado da moeda do ufanismo – conhecido informalmente como “complexo de vira-lata” – *Latim em Pó* expõe o absurdo de considerar que falantes nativos do idioma “não sabem” usar o português, que nosso idioma seria particularmente “difícil” de usar e aprender e que os portugueses fariam uma versão mais castiça e “correta” do idioma. São três mitos muito arraigados no Brasil, movidos por preconceitos e falácias que Galindo revela e desmonta pacientemente chegando até a sua base: noções absolutas de linguagem formal/elevada/refinada e linguagem informal/baixa/chula que reforçam preconceitos racistas e classistas e abastecem fantasias de pureza e unidade linguística que simplesmente não condizem, não apenas com o português, mas com a realidade de qualquer outra língua do mundo.

Esse trabalho de desmistificação define o projeto didático do livro e garante a relevância de *Latim em Pó* no âmbito brasileiro. Como complemento, Galindo oferece ao final do ensaio uma sintética (e útil) lista de sugestões de leituras (219-227) seguidas de breves comentários. A intenção é atizar a curiosidade do leitor e render homenagem ao importante trabalho desenvolvido no ambiente universitário, além de promover o conhecimento sobre a língua como necessidade essencial. Todos nós, sejamos escritores, engenheiros, políticos ou operários, ganhamos muito com uma compreensão melhor e mais justa do nosso idioma. Mais que um instrumento de uso diário, a língua é uma espécie de ar que respiramos a vida inteira, um ambiente onde estamos imersos desde o início das nossas vidas, algo que define o que somos e o que imaginamos poder ser. Nossas potencialidades e nossas limitações derivam do uso da nossa linguagem no dia a dia e não há como pensar em cultura sem levar em conta a língua.

Paulo Moreira

Oklahoma University